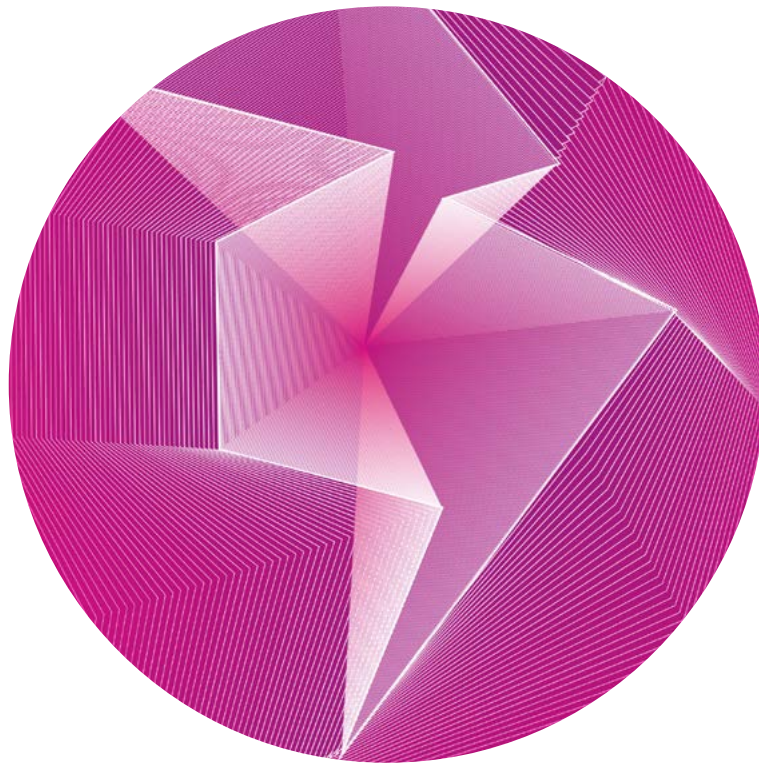


GRIETAS Y PROVO- CACIONES

CONGRESO
REGIONAL INSEA
AMÉRICA LATINA 2021
CUSCO / PERÚ.



Insea
THE INTERNATIONAL SOCIETY
FOR EDUCATION THROUGH ART

CONGRESO
**GRIETAS
Y PROVOCA-
CIONES** PARA LA
EDUCACIÓN
EN ARTES

GRIETAS Y PROVO- CACIONES

CONGRESO
REGIONAL INSEA
AMÉRICA LATINA 2021
CUSCO / PERÚ.

PALCO: UNA EXPERIENCIA DE ARTE/EDUCACIÓN VIRTUAL EN LA PANDEMIA

PALCO: UMA EXPERIÊNCIA DE ARTE/EDUCAÇÃO VIRTUAL NA PANDEMIA

PALCO: A VIRTUAL ART/EDUCATION EXPERIENCE IN THE PANDEMIC

Leandro de Oliva Costa Penha¹ / Maria Angélica Durães Mendes de Almeida²
(ECA USP)

Resumo: PALCO é um projeto socioeducativo que promove o conhecimento, o acesso e o interesse pela arte de moradores que vivem em territórios periféricos da cidade de São Paulo. Atua em rede, com parceria de instituições dos três setores da sociedade. Em decorrência da pandemia, passou a atuar de forma remota, o que representou uma perda de participantes pela falta de acessibilidade digital dos educandos, porém permitiu o ingresso de moradores de outras 35 cidades de 11 Estados do país. A cada ano, a partir do envolvimento coletivo das comunidades, a equipe de arte/educadores de teatro, dança, música e artes visuais chega ao tema orientador para a mostra anual. Em 2021, com o tema periferias, os processos de ensino-aprendizagem das linguagens artísticas basearam-se em uma visão integral dos sujeitos considerando histórias de vida, o autoconhecimento e a criação poética. Como síntese, apresentou-se uma mostra virtual criada com registros de aulas e produções dos educandos.

Palavras-chave: arte/educação, periferia, projeto social, mostra cultural.

No bairro Jaguaré, zona oeste de São Paulo, está o Projeto PALCO, um projeto social que oferece, gratuitamente, aulas semanais de diferentes linguagens artísticas para crianças, jovens, adultos e idosos. No bairro todo não. Mais especificamente em uma das maiores favelas da cidade de São Paulo em área contínua, chamada Vila Nova Jaguaré e em outras 10 comunidades do bairro. Hoje, a infraestrutura e os equipamentos urbanos introduzidos naquela região alteraram a imagem da antiga favela, que então se elevou à posição de núcleo urbanizado. É lá onde o Projeto PALCO atua. Nesta região onde vivem cerca de 12 mil habitantes em cerca de 3.619 domicílios.

Nossa cidade possui milhares de referências ao “tupi”, o maior tronco linguístico indígena do Brasil. O nome “Jaguaré” é uma delas. “Jaguaré”, que em tupi significa “lugar onde existem onças”, foi o nome dado a um bairro nascido em 1935 em função de um projeto de industrialização da região naquela época. Desta forma ocorreu a ocupação da região em seus primórdios. As indústrias ali sendo instaladas atraíram trabalhadores que se estabeleciam para constituírem um bairro tipicamente operário dos anos 30 na cidade de São Paulo. E assim foi até que o período de recessão econômica do país, iniciado nos anos 70 e agravado nos anos 80, fez com que muitas empresas encerrassem as atividades no bairro. A área foi progressi-

¹ Pesquisador de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da USP. Especialista em Arte na Educação pela ECA/USP. Integrante do Grupo Multidisciplinar de Estudo e Pesquisa em Arte e Educação da ECA/USP. Atua como arte/educador e gestor de projetos socioculturais. Diretor geral do Projeto PALCO.

² Pesquisadora de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da USP. Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC/SP. Especialista em Arte na Educação pela ECA/USP. Diretora escolar do Ensino Público do Estado de São Paulo. Coordenadora pedagógica do Projeto PALCO.

vamente sendo ocupada de forma irregular por famílias vindas de várias partes do país, dando origem a um processo de adensamento por verticalização na medida em que as áreas livres para a ocupação de moradias se esgotavam. Esta é um pouco da história do Jaguaré. A história contada pelos historiadores e pelos urbanistas que buscam as origens dos bairros e do surgimento das ocupações dos espaços físicos e do planejamento de nossa cidade. Mas esta não é a história que verdadeiramente nos interessa. Não a contada pelos estudiosos da cidade. Não a narrativa do especialista que conta a história dos lugares.

A nós nos interessam as histórias contadas e vividas no passado e no presente pelos moradores da comunidade Vila Nova Jaguaré. A história daqueles que constroem suas próprias vidas morando em um território vulnerável socialmente, contudo rico e potente por causa das pessoas que nele habitam. As vontades individuais e os anseios coletivos das moradoras e dos moradores, participantes do PALCO, são a matéria prima de nossas aulas, o que gera um processo artístico e pedagógico criado e realizado com os sujeitos fazedores da história. É neste diálogo com Paulo Freire que buscamos fazer uma prática de educação no campo das artes que tem como objetivo fazer do coração do educando "um coração sadio amoroso" para que "tanto mais o indivíduo, cheio de boniteza (estiver), (mais) fará o mundo feio virar bonito" (Freire, 2007, p.36).

Os lugares em que os moradores do Jaguaré circulam constituem o local de ação do Projeto PALCO. Não temos uma sede fixa, não temos uma casa, não temos um espaço próprio que nos confine num lugar único. Não queremos correr o risco de ficarmos ensimesmados, fechados num lugar, encerrados em nós. É fundamental que as atividades ocorram em conexão direta com as vidas das pessoas da Vila Nova Jaguaré, em diálogo com a circulação dos sujeitos pelos espaços do território. Nossa ideia é estar junto de todos e todas nos espaços públicos ampliando o acesso a aulas de arte neste lugar tão carente de equipamentos públicos culturais, mas tão exuberante de sensibilidade. Assim, nossas aulas acontecem dentro de algumas escolas estaduais que estabeleceram parcerias com o projeto–Escola Estadual Deputado Augusto do Amaral, Escola Estadual Maria Eugênia Martins e Escola Estadual Henrique Dumont Villares–acontecem dentro da Unidade Básica de Saúde Vila Nova Jaguaré, acontecem em organizações da sociedade civil que atuam no bairro, em associações de moradores e no Centro Educacional Unificado Professor Henrique Gamba – CEU Jaguaré.

Desde 2013 atuávamos presencialmente nestes espaços com nossas aulas de modalidades ligadas às artes cênicas, às artes musicais, às artes plásticas e às artes do corpo e do movimento fomentando o acesso e o interesse pela arte de crianças, jovens, adultos e idosos que vivem em situação de vulnerabilidade social. Até que veio a pandemia e nos tirou o chão. A pandemia que nos desorientou a ponto de ficarmos paralisados e pensando: o que vamos fazer? Se é do encontro com o outro que nossa visão de ensino de arte surge e se sustenta. Se é da presença e do pisar no território que nasce nosso trabalho de pensar aulas de arte como experiência e como exercício constante de criação. Se é da vivência e da convivência com o território habitado que cria novas sinergias, como disse uma vez Milton Santos (2005), que a inspiração para as nossas aulas se alimenta. Como poderíamos, então, naquele ano de 2020, cogitar existirmos virtualmente?

Em um primeiro momento paralisamos e pensamos que tudo isto ia passar logo. Vamos esperar passar. Quando passar retomamos. Quando passar tudo voltará ao que era antes. Mas não passou. Não passava dia após dia, não passava mês após mês. Quando atingimos cinco meses de tempo de pandemia que decidimos, como tantos outros já vinham fazendo, que assumiríamos o formato *online* para nossas aulas.

Mas não sem antes resistir muito. Não sem antes cuidar para que as duas maiores bases, os dois maiores alicerces de nosso projeto fossem mantidos: a presença e a criação. Era preciso que mais do que nunca estivéssemos de alguma forma juntos, presentes, mesmo a distância, e sem abrir mão dos processos de criação que se desenvolviam nas aulas quando presenciais. Aliás, é importante dizer que o que mais nos preocupava era se seríamos capazes de fazer transposições didáticas dos processos de aprendizagem que desenvolvíamos nas aulas presenciais de arte para as aulas no formato remoto.

Conquistamos, ao longo de sete anos de existência do Projeto PALCO, um conhecimento didático que alia o ensino de habilidades e competências para a aprendizagem das mais diversas linguagens artísticas a partir de processos de criação de educandas e educandos. Adquirimos um saber didático que mobiliza os saberes individuais dos participantes para que novos conhecimentos sobre fazer arte possam acontecer. Aprendemos a trabalhar na perspectiva de Ostrower (2014), para quem a elaboração particular que fazemos a partir das experiências que vivemos, de forma essencialmente única e pessoal, é a responsável por nosso potencial criador. Com isso, os processos das aulas de nossas educadoras e nossos educadores se ancoram na concepção da autora de que o potencial criador se transforma em processo de criação quando é posto em execução e se configura por meio das inúmeras possibilidades que se apresentam em nós e que, quando se realizam, dão início a processos ordenadores de movimento criador. Então, nas aulas de arte de nosso projeto, aprende-se a técnica de uma dada linguagem artística enquanto se mobiliza o potencial criador de cada educanda e educando em um fazer artístico pessoal, compartilhado com o grupo e de forma constante.

A questão que se colocava para a equipe de coordenação e a equipe educadora era se seria possível sensibilizarmos o potencial criador através das pequenas janelas da plataforma digital *zoom*. Se seria possível compartilharmos verdadeiramente experiências vividas, de forma essencialmente única e pessoal, através de quadradinhos em uma tela de computador, sem o calor da presença, sem o olho no olho, sem o abraço ou o aperto de mão ao final de cada aula. Nossas dúvidas surgiam a partir daí: seria possível tudo isso em aulas *online*?

Foi com um trabalho constante de formação realizado pela equipe gestora que configuramos uma dinâmica de aulas *online* que nos surpreendeu. As aulas em formato remoto possibilitaram algo que nunca havíamos pensado que fosse possível: atingirmos outros territórios, outras periferias, lugares muito distantes

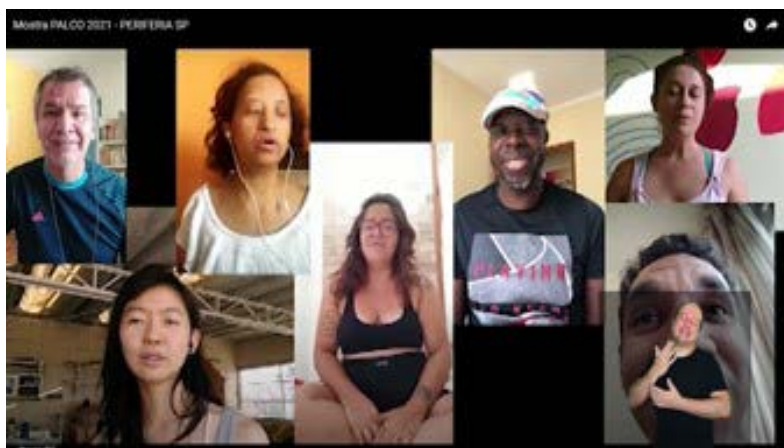


Figura 1: Mostra PALCO Periferia SP 2020-2021. Turma de canto. Printscreen do vídeo da mostra. Fonte: elaborado pelos autores, 2021.

do Jaguaré. Em 2020, antes da pandemia, o projeto PALCO começava seu trabalho com 214 participantes inscritos, todos na região do Jaguaré, isto na modalidade presencial, antes de sermos arremessados para dentro de nossas casas indefinidamente. Quando iniciamos as aulas *online* e abrimos as inscrições para a modalidade a distância, já passávamos a contar com 153 educandos moradores de 35 cidades de outros 11 Estados do Brasil e uma educanda em Israel.

Para garantir minimamente o acesso às aulas virtuais tratamos de garantir que a comunicação das aulas acontecesse sempre de duas formas: nos formatos síncrono e assíncrono. As aulas pelo *zoom* garantiam o ambiente de encontro e trocas orgânicas, permitindo que pelas janelas virtuais a presença se fizesse. Em vídeos enviados ao canal do projeto no *youtube*, garantimos que os que não podiam estar presentes retomassem as aulas em seus horários disponíveis e mantivessem pelo *whatsapp* o contato constante com o educador. Surpreendentemente, acompanhamos processos de criação artística de educandos e educandas como nunca havíamos visto antes. Uma produção de composições próprias, rica e entusiasmada, se dava a cada encontro tendo periferia como tema orientador: criação de personagens nas aulas de palhaçaria, de texto coletivo de dramaturgia do grupo de teatro, de músicas autorais surgidas nas aulas de violão, de musicalização e de canto, de células coreográficas nas aulas de corpo e movimento, e de criação de obras originais enquanto se aprendia técnicas de desenho.

Os processos de criação se estenderam aos educadores e educadoras: o novo formato nunca experimentado fez com que eles pudessem olhar suas aulas como um projeto de criação autoral, novo e único. Era necessário que novos processos de criação pedagógica e artística acontecessem neste novo contexto para que a experiência de se ensinar e aprender arte acontecesse. A aula como obra pessoal e que deveria sensibilizar, mobilizar e ser uma experiência significativa a ponto de despertar e fortalecer nos educandos seu potencial criador. A experiência não como um acontecimento qualquer, como aquele que é compartilhado com todos; falamos da experiência tal qual a vista por Larrosa (2016, p.18) como o que é único, singular e que não se pode reviver, refazer, replicar. Buscamos, pelas frestas que se abriam nas aulas *online*, fazer de cada aula um momento que tocasse cada educando e educanda. Apesar das tragédias vividas na pandemia. Apesar do distanciamento social. Apesar das dores sentidas nas perdas. Apesar do medo. Apesar da solidão.

Como costumávamos fazer em todo final de ano, resolvemos encerrar o ano com uma mostra. Em decorrência do contexto pandêmico, desta vez uma mostra em vídeo a partir de imagens captadas nas próprias aulas, pelas janelas do *zoom*, pelas janelas do Jaguaré, pelas janelas de outras tantas partes do Brasil e até do mundo. Imagens captadas nos exercícios criativos do fazer artístico que se deram a cada encontro de aula *online*. De alguma forma, educandos e educadores se conectaram de forma mais sensível, deixando a mostra



Figura 2: Mostra PALCO Periferia SP 2020-2021. Participantes das aulas de palhaçaria. Printscreens do vídeo da mostra. Fonte: elaborado pelos autores, 2021.

2021 abundante em diversidades, em histórias e cheia de criações produzidas pelos próprios educandos. Os educandos, por exemplo, gravaram, com seus *smartphones*, vídeos de sequências coreográficas que haviam aprendido em aula, tiveram a liberdade de gravar com outras pessoas da família e gravar, com todos os protocolos de convivência, higiene e distanciamento, em lugares distintos como na rua, calçada, quintal, sala de casa, escada... num movimento de vivenciar a dança como uma expressão da arte acessível para todos os tipos de corpos, podendo estar dentro e fora das periferias.

As ferramentas tecnológicas que passamos a explorar abriram um leque de possibilidades para experimentações das linguagens. Se por um lado, para linguagens pautadas na arte da presença como teatro e a dança foi um desafio afetivo e energético estabelecer relações através da tela com um enquadramento corporal reduzido, para a exploração audiovisual o computador e o celular ofereceram uma gama muito vasta para a pesquisa de temas, inspirações, possibilidades de gravação e edição de vídeos, exibição em tempo real de *lives* e experiências com áudio e imagem. Durante os encontros, educandos eram estimulados a produzir atividades – poesias, fotografias, vídeos, danças, textos, desenhos – como parte do processo de experimentação. Depois, algumas atividades eram sendo escolhidas e resgatadas, recriando cenas, poesias e vídeos. Assim, o formato contribuiu para a possibilidade de se explorar diferentes ângulos da câmera para o registro das atividades, o que não teria acontecido numa apresentação presencial.

Outra questão foi a possibilidade da interação assíncrona, o que no formato presencial muito provavelmente também não aconteceria. O compartilhamento, muitas vezes espontâneo, de frases, ideias e imagens no *padlet*, por exemplo, de certa forma conectou educandos e educandas para além da hora semanal em que estavam juntos no *zoom*. O grupo no *whatsapp* foi uma ferramenta importante para compartilhamento de textos e vídeos e os educandos sempre davam retorno de que haviam assistido ao que era compartilhado.

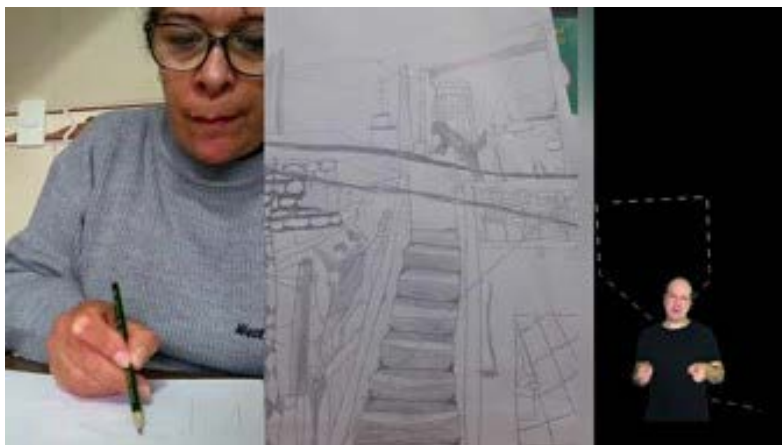


Figura 3: Mostra PALCO Periferia SP 2020-2021. Participante da aula de desenho. Printscreen do vídeo da mostra. Fonte: elaborado pelos autores, 2021.

Um outro ganho considerado relaciona-se ao formato remoto das aulas, que possibilitou a participação de pessoas de diferentes contextos socioeconômicos. Isto diversificou mais as turmas e contribuiu para que as discussões fossem mais diversas. A nova forma contribuiu no sentido de permitir que pessoas de regiões fora de São Paulo pudessem participar das aulas, compartilhar suas experiências significativas com a periferia e suas memórias. Como tudo ia acontecendo em lugares diferentes, as realidades compartilhadas fortaleceram muito o

processo. Uma aluna em Israel, por exemplo, vivenciou momentos de muita tensão política e esse episódio foi de extrema sensibilização do grupo, fez com que todos se aproximassem muito e de alguma maneira criassem nas aulas um momento de revigoramento para ela.

Nas aulas de canto, o fato de as pessoas estarem em suas casas, em seus ambientes mais íntimos, compartilhando suas experiências, se abrindo para o canto em todas as suas possibilidades de expressão e de sensação, resultou numa maior confiança individual e no grupo em si. Foi importante o resultado de perceber o tamanho da libertação que foi para cada aluno cantar, criar e poder, muitas vezes, se emocionar com outras pessoas cantando.

As “janelas” nos apoiaram de maneira poética para investirmos sobre algumas questões: o que você vê a partir delas? Quem passa pela sua janela? Que características as pessoas e as coisas que você vê a

partir da sua janela apresentam? E ao sair pelas janelas, avançamos por um estudo sobre as ruas de cada participante – como se constituem, o que elas apresentam e o que se revela a partir delas.

Obviamente que o que vivemos de dar aulas de arte de forma *online* é tudo o que não queríamos fazer. Nunca desejamos isto e nem imaginaríamos que isto fosse acontecer um dia. Mas a experiência que vivemos no Projeto PALCO nos mostrou que quando se tem um trabalho de arte/educação apoiado em bases pedagógicas dialógicas, em que educadores e educandos são sujeitos do conhecimento e sujeitos aprendentes (Freire, 2017, p.32), é possível olharmos pelo buraco da fechadura e vislumbrarmos um mundo.

Nossa possibilidade de futuro passa a ser híbrida. O pedido de educandos moradores distantes de São Paulo ao final da mostra foi para que mantivéssemos as aulas *online* em 2022 para eles, mesmo com o retorno das aulas presenciais no Jaguaré. Com isso, o desafio para nós passa a ser este: continuar a nosso caminho pelo ensino remoto sem perder a potência da arte na educação.

REFERÊNCIAS

- Freire, P. (2007). *Política e Educação*. Indaiatuba: Vila das Letras.
- Freire, P. (2017). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra.
- Larrosa, J. (2016). *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Ostrower, F. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- Santos, M. (2005). O retorno do território. OSAL: Observatório Social de América Latina, CLACSO, 6 (16), 251-261.